



A ABORDAGEM PSICANALÍTICA NA DEPRESSÃO INFANTIL

Stefanie da Silva Tortorella¹, Nara Graça Salles²
UNOPAR¹; Universidade Federal de Pelotas, Centro de Artes²

A depressão infantil é um assunto complexo e delicado reconhecido e estudado nos últimos anos. A psicanálise oferece *insights* valiosos para compreender as raízes e os mecanismos subjacentes à depressão na infância. Esta pode se manifestar de diversas maneiras e diferente do que nos adultos. Enquanto os adultos podem expressar tristeza e desânimo, as crianças podem apresentar irritabilidade, mudanças no comportamento, queixas físicas frequentes sem causa aparente, dificuldades escolares, isolamento social. Este estudo objetiva investigar a influência dos processos psíquicos na manifestação e tratamento da depressão em crianças, sob a perspectiva da psicanálise.

Palavras-chave: Depressão infantil; Psicanálise, Melancolia.

A depressão infantil é uma condição que afeta o bem-estar emocional e o desenvolvimento das crianças. Segundo a perspectiva psicanalítica, a depressão infantil pode ser entendida como resultado de conflitos internos não resolvidos, traumas emocionais, ou dificuldades na relação com os pais ou cuidadores. Por exemplo, a perda, o abandono, a separação dos pais, assim como expectativas muito rígidas ou demandas excessivas.

Este estudo objetiva investigar a influência dos processos psíquicos na manifestação e tratamento da depressão em crianças, sob a perspectiva da psicanálise. A compreensão das raízes emocionais da depressão na infância e a identificação de estratégias terapêuticas eficazes são fundamentais para melhorar o tratamento e prevenir complicações a longo prazo.

Refletir sobre a infância está intrinsecamente ligado ao contexto histórico e cultural em que a criança está inserida. Por muitos anos, a concepção predominante da infância a considerava como um período de vida desprovido de valor, caracterizado pela incapacidade e falta de autonomia, sem ser reconhecida como um sujeito pensante capaz de produzir conhecimento.



Segundo Campos e Ramos (2018, p. 241), essa visão pode ser confirmada porque:

Durante muito tempo a criança foi reduzida por visões tradicionais que as via como mero ser biológico, imaturo, incompleto, um ser em formação. Assim, a infância era vista como um período de crescimento e de imperfeição e a criança como um sujeito pré-social em processo de desenvolvimento e introduzido progressivamente na sociedade pelas instâncias de socialização.

A criança esta posicionada numa categoria social distinta dos adultos, demandando cuidado, proteção, educação e consideração de suas particularidades. A sociologia da infância, tem desempenhado um papel significativo ao fomentar reflexões e promover um entendimento mais aprofundado sobre a concepção de infância. Ao considerar a infância como uma construção social reconhece a criança como um agente ativo no processo. Vejamos;

"A Sociologia da Infância introduzirá mudanças significativas na abordagem da criança e da infância, explorando-as a partir de novos referenciais e propondo modalidades alternativas para compreender o que significa ser criança e viver uma infância" (Abramowicz; Oliveira, 2010, p. 41). Segundo as autoras, essas mudanças possibilitam enxergar a criança como um sujeito e agente social, capaz de moldar sua própria experiência de infância dentro do contexto em que está inserida. O foco na criança visa compreendê-la como parte integrante da sociedade, dotada de direitos de cidadania que devem ser exercidos em diversos espaços sociais.

Neste contexto a depressão em crianças e adolescentes tem despertado considerável interesse na comunidade acadêmica devido ao aumento de sua prevalência e à sua relevância para a sociedade. De acordo com Marinho (2020), estima-se que este transtorno afete cerca de 3% da população infantil no Brasil. Essa estatística ressalta a importância e a urgência de compreender as características dessa condição, a fim de possibilitar um diagnóstico precoce e, conseqüentemente, minimizar seu impacto na vida das crianças.

De acordo com Borges & Pacheco (2018), embora o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (APA, 2014) não forneça critérios diagnósticos específicos para avaliar a depressão em crianças e adolescentes, ele descreve o transtorno depressivo como um estado prolongado de tristeza, falta de interesse em atividades que costumavam trazer prazer (anedonia), flutuações no apetite e no sono, dificuldade de concentração e tomada de decisões, sentimento de culpa e inutilidade, desesperança, pensamentos negativos e até ideação suicida, persistindo por pelo menos duas semanas consecutivas.

No entanto, é conhecido que os elementos associados à depressão em crianças e adolescentes abarcam fatores genéticos, pessoais e ambientais. Estes incluem gênero, antecedentes de transtornos mentais na família, exposição à violência tanto na comunidade quanto no ambiente familiar (incluindo bullying e cyberbullying), bem como a estrutura e dinâmica familiar (Borges & Pacheco, 2018; thiengo et al., 2014; Wendt, 2021).

Os sinais de depressão em crianças e adolescentes nem sempre são prontamente perceptíveis, pois muitos deles envolvem aspectos internos, o que torna sua detecção e diagnóstico desafiadores. De acordo com Borges et al. (2017), a avaliação da depressão em jovens pode ser feita através de indicadores associados ao transtorno, incluindo os principais sintomas depressivos, sentimentos de solidão, desamparo, autoestima, autoconceito, desesperança e autoeficácia.

A princípio, a depressão infantil não era objeto de estudo, pois não era reconhecida como um transtorno que afetava a infância. Na década de 60, os termos "depressão mascarada" e "equivalentes depressivos" foram utilizados para descrever sintomas que crianças poderiam manifestar, embora de forma distinta dos adultos. Somente em 1970 a existência da depressão infantil foi reconhecida e mais estudos foram conduzidos, estabelecendo-a como uma entidade clínica independente em relação à depressão em adultos, devido às variações nos sintomas de acordo com a faixa etária. Em 1980, houve uma

consolidação do interesse clínico, das investigações e dos estudos sobre o tema, e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais V (DSM-V) passou a incluir a depressão infantil, reconhecendo-a como um transtorno que pode ocorrer em todas as idades (Barbosa; Lucena, 1995)

A depressão surge quando o indivíduo evita confrontar situações, especialmente aquelas relacionadas aos seus desejos, desencadeando uma negação que, por sua vez, resulta na determinação inconsciente da castração, cuja intensidade varia conforme as circunstâncias. Nesse contexto, os autores Ferreira, Gonçalves e Mendes (2014, p. 06) reforçam que o uso do termo depressão por Freud "se limita a duas definições: uma delas se relaciona à concepção mecanicista da depressão como uma queda, uma diminuição em qualquer função psíquica, atribuída a uma deficiência libidinal".

Adicionalmente, os autores destacam que "a outra definição está ligada a um estado de angústia psicológica. Na psicanálise pós-freudiana, o uso desse termo é bastante comum, embora nem sempre seja aplicado com a devida precisão" (Ferreira; Gonçalves; Mendes, 2014, p. 06). No que diz respeito à depressão, na abordagem pós-freudiana da psicanálise, especialmente na tradição lacaniana, ela é "interpretada à luz do estágio do espelho e do narcisismo, mais especificamente na perda da posição como objeto do desejo materno, através da metáfora paterna" (Campos, 2016, p. 18).

É evidente que, no processo de desenvolvimento teórico acerca da depressão, as tradições psicanalíticas seguem trajetórias que se encontram em determinados pontos, como, por exemplo, na compreensão dos desafios associados ao fenômeno depressivo. Contudo, apesar dessa convergência, as correntes predominantes dentro do campo da psicanálise direcionam sua teorização para um foco específico: a interação entre a problemática depressiva e a construção da subjetividade e do desejo (Campos, 2016; Tilvitz; Silva, 2018).

De forma mais abrangente, Mendes, Viana e Bara (2014, p. 428) explicam que, "para Freud, a depressão está relacionada a um conjunto de afetos, sintomas ou estados que englobam tristeza, desânimo, inibição e angústia".

Com base em estudos psicanalíticos, a depressão pode ser compreendida como um sintoma resultante da representação distorcida de conteúdos psíquicos, devido à impossibilidade de simbolizá-los. Nesse sentido, o sujeito adapta a expressão desses sintomas e os ressignifica simbolicamente, buscando alcançar uma sensação de satisfação.

Diante do exposto, pode-se concluir que a depressão infantil é uma realidade complexa, que exige uma abordagem sensível e compreensiva. A psicanálise oferece uma lente única para compreender as raízes profundas da depressão na infância, destacando a importância das experiências precoces, dos vínculos familiares e dos processos inconscientes no desenvolvimento emocional da criança.

Ao reconhecer e explorar os conflitos emocionais subjacentes, a psicanálise oferece um caminho para o tratamento e o crescimento emocional. Através de uma relação terapêutica empática e de técnicas expressivas de escutas específicas para a idade como o jogo e o desenho, as crianças podem aprender a lidar com seus sentimentos, e encontrar significado em suas experiências e a desenvolver recursos internos para enfrentar os desafios da vida.

É crucial que pais, cuidadores e profissionais de saúde mental estejam atentos aos sinais de depressão infantil e busquem ajuda especializada quando necessário. A psicanálise oferece uma abordagem valiosa para compreender e tratar a depressão na infância, promovendo o bem-estar emocional e o florescimento das crianças em um mundo cada vez mais desafiador.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A.; OLIVEIRA, F. A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção. Educação (UFSM), v. 35, n.1, p. 39-52, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/1602>

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. Tradução: NASCIMENTO, M. I. C. et al. Porto Alegre: Artmed, 2014, 992 p.

CONGREGA 23 → 24

GLOBALIZANDO SABERES



UM EVENTO DA



20ª SEMANA NACIONAL DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA
CIÊNCIAS BÁSICAS PARA O
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

BARBOSA, Genaro Alves; LUCENA, Aline. Depressão Infantil. *Infanto - Revista de Neuropsiquiatria da Inf. e da Adol.* v. 3 n. 2, p. 23-30, ago. 1995. Disponível em: http://www.psiquiatriainfantil.com.br/revista/edicoes/ed_03_2/in_07_07.pdf

BORGES, L.; BAPTISTA, M.N.; SERPA, A.L.O. Structural analysis of depression indicators scale-children and adolescents (BAID-IJ): A bifactor-ESEM approach. *Temas em Psicologia*, v. 25, n. 2, p. 545-552. 2017.

BORGES, L.; PACHECO, J.T.B. Sintomas depressivos, autorregulação emocional e suporte familiar: um estudo com crianças e adolescentes. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, v. 9, n. 3 supl., p. 132-148, 2018.

CAMPOS, Érico Bruno Viana. Uma perspectiva psicanalítica sobre as depressões na atualidade. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, Londrina: v. 7, n. 2, p. 22- 44, dez. 2016.

THIENGO, D.L.; CAVALCANTE, M.T.; LOVISI, G.M. Prevalência de transtornos mentais entre crianças e adolescentes e fatores associados: uma revisão sistemática. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 63, n. 4, p. 360-372. 2014.

WENDT, G.W. Associations between cyberbullying victimization and depressive symptoms in early adolescence. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 70, n. 2, p. 157-161. 2021.